

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com os Encontros de Cinema do Fundão
5 de Junho de 2025

LAS TIERRAS DEL CIELO / 2023

um filme de Pablo García Canga

Realização, Argumento, Imagem: Pablo García Canga / Som: Ángel Santos /
Montagem: Pablo García Canga, Antonio Trullen / Montagem de som: Pablo Rivas
Leyva / Interpretação: Luis Moreno, Paula Ruiz, Lola Casamayor, Violeta Gil, Andrés
Gertrudix Fernanda Orazi, Itziar Manero, Carlos Troya, Gonzalo Herrero.

Produção: Amateur Films (Espanha, 2023) / Produtor: Ángel Santos / Cópia: em digital,
preto e branco, legendada em inglês e eletronicamente em português / Duração: 83
minutos / Primeira apresentação pública: 24 de março de 2023(D'A Film Festival) /
Primeira apresentação na Cinemateca.

com a presença de Pablo García Canga

*“Acho que contamos histórias para isso, para dizer que depois do Inverno vem
a Primavera e vice-versa. Depois da tempestade, a calma (...)”*

Okaasan (“A Mãe”, 1952), de Mikio Naruse, é o filme sem o qual este filme de Pablo García Canga não teria sido realizado. Assim se refere a obra do mestre japonês no final de **Las Tierras del Cielo**. Não seria necessária tal alusão para nos apercebermos da cinefilia e de um amor pelo cinema tão presentes no cinema de García Canga. As personagens de **Las Tierras del Cielo** falam da poesia e da escrita de poesia, mas também de cinema. De filmes que viram (**Okaasan**), daqueles que não existem, e de “ideias para passar o tempo com quem amamos”. São conversas íntimas, presentes num cinema intimista assente na palavra e na escuta. Em monólogos que se transformam em diálogos, ou em conversas tripartidas que dão lugar a novos diálogos, dos quais se ausenta um dos interlocutores – afastado pela distância imposta por uma conversa telefónica da qual não temos o “contra-campo” longínquo –, desenvolve-se assim um cinema da palavra, que é fonte de muitas imagens.

Filmado a preto e branco e confinado a espaços interiores, aqui o exterior é sobretudo vivenciado pela força das palavras expressas pelos actores. “Fragmentos de um discurso amoroso” em que se associa o amor a uma droga e a algo excessivo e de transitivo para com o mundo. Citamos de cor: “É isso que acontece no filme, a rapariga ama o padeiro e vice-versa, porque ela ama o Mundo”. E a poesia, a rapariga e o padeiro, levam-nos de novo ao universo de **Okaasan**, um dos mais belos filmes de Naruse, realizado em 1952, há mais de setenta anos. Profundo admirador do cinema Naruse, mas também de Yasujiro Ozu, ao qual dedicou um livro (*Ozu, Multitudes*), Pablo García Canga apresenta-nos uma obra extremamente singular dentro do contexto do cinema contemporâneo espanhol. Crítico, programador e cineasta nascido em Madrid em 1981, o seu interesse pelo cinema atravessa estas vertentes, que se cruzam em obras muito assentes na palavra dita e escrita. Percebemo-lo pelas suas curtas-metragens anteriores

(exibidas ontem na Cinemateca), mas também por esta longa, **Las Tierras del Cielo**. Percebemo-lo ainda nos vários filmes em que colaborou como argumentista, surgindo associado a uma renovação do cinema espanhol, ao lado de realizadores como Ángel Santos, que produziu este filme, Santos Díaz ou Gonzalo García Pelayo.

Em **Las Tierras del Cielo** regressamos a temas e a dispositivos já “ensaiados” anteriormente, que conquistam aqui uma renovada densidade. Trata-se de escutar personagens que nos revelam outros mundos para lá daqueles que vemos nas imagens, e que elas próprias habitam. As palavras são transitivas e as imagens também. Inicialmente pensado para ser filmado em Paris, com um pequeno grupo de actores franceses, **Las Tierras del Cielo** foi rodado em Madrid por uma equipa reduzidíssima, e sem dinheiro, ao sabor das disponibilidades de cada um. García Canga assumiu a imagem e Ángel Santos, o produtor, o som. Numa entrevista recente, realizada por Santos Díaz por ocasião dos Encontros de Cinema do Fundão, o cineasta apresenta algumas pistas interessantes sobre a origem e a estrutura do filme: “Em vez da estrutura dispersa, indo e voltando entre conversas [presente numa primeira versão do projecto] havia agora uma estrutura de longas sequências, cinco longas sequências, com uma espécie de regra numérica, uma personagem, duas personagens, três personagens, duas personagens, uma personagem. A mim, pessoalmente, por vezes ajuda-me criar estas estruturas vagamente matemáticas. Tenho a sensação de que traçar estas linhas gerais, definir estas regras do jogo, dá-me uma certa liberdade dentro de cada bloco. Aqui, com efeito, essa liberdade, ou o que me parece ser liberdade, era outra das regras do jogo: saber que tenho de contar uma parte do filme japonês contado pelas personagens, mas contá-la seguindo desvios, deixando-me levar pelos parênteses, pelas histórias secundárias e pelas reflexões. Esta parte das reflexões tinha que ver com algo que eu tinha notado num romance de Agustina Bessa-Luís que tinha acabado de ler, *Jóia de Família*, onde em certos momentos a história é contada de forma indirecta, quase como que deduzida das reflexões e ideias gerais que a história provoca na narradora, ou nos vários narradores.”

São cinco as conversas que envolvem as nove personagens que atravessam a noite madrilena e misturam universos pessoais, histórias inventadas e a história de um filme que cruza as várias partes. Mas também a história de um cego que começa a ver e é ajudado pelos amigos, palavra a palavra, ou a de um carpinteiro que se liberta do fabrico de caixões e começa a pintar, numa terra em que já não há mortos para enterrar. Nos fragmentos discursivos que se acumulam ao longo de **Las Tierras del Cielo** há também uma reflexão sobre a arte de contar histórias, em que as várias personagens reinterpretam o que viram e o que querem contar. Descreve-se de forma muito cristalina a natureza do início de uma relação – “É sempre frágil e inseguro (...) Temos medo de aí voltar.” –, a importância de escrever uma canção, ou as memórias de uma infância ausente – “Quando eu era pequena, fascinava-me a noite, o silêncio, a solidão –. E se, durante muitos anos, nos ficou na memória a experiência do primeiro confronto com **Okaasan**, este é um excelente pretexto para aí voltar. “O filme é uma aposta radical e frágil ao mesmo tempo, um olhar sobre a intimidade de um grupo de personagens cujos afectos se revelam através da palavra.” “Ver através da palavra” é o propósito de um filme que é radical no sentido de um regresso à raiz das coisas e na busca da intimidade e do mistério de cada um, que teima em escapar.

Joana Ascensão